



www.delfimsantos.org

## Na morte de Delfim Santos

Eduardo Lourenço (1966)

Lisboa: *O Tempo e o Modo* 43-44, nov.-dez., 1985-1987.

«...os que Deus condenou a ser filósofos».

HEGEL

A surpreendente notícia da sua morte trouxe-nos à memória uma reflexão melancólica de Joel Serrão. Referia-se ela ao destino filosófico «truncado» de Vieira de Almeida. Truncado ou inacabado, já nos não lembram exatamente os termos. Joel Serrão ligava o caso à situação mais genérica da vida filosófica entre nós, à fatalidade da sua expressão vir a ser sempre mais ou menos «inacabada». Repetiu-se o mesmo fenómeno com Delfim Santos?

De um certo modo, sim, e isso é tanto mais significativo quanto é certo ser a sua atitude filosófica muito outra que a de Vieira de Almeida. Pode dizer-se que tudo conspirava no autor de *Pontos de Referência* no sentido de um certo ceticismo teórico (e prático) a tal ponto era nele imperativa a vontade de destruir a tendência orgânica do discurso para se instituir e constituir em «metafísica». O seu neopositivismo era tão visceralmente antagónico do *pathos* comum da linguagem em geral, e da nossa mentalidade em particular, que uma tal empresa só poderia criar à sua volta uma espécie de deserto povoado de raros ou nenhum anacoreta.

O ponto de partida de Delfim Santos situa-se no de chegada de Vieira de Almeida. A sua *Situação Valorativa do Positivismo* é, até à data, e sê-lo-á durante muito tempo, sem dúvida, a melhor exposição que possuímos e a mais pertinente crítica das posições filosóficas que o extremismo logicista de Vieira de Almeida ilustrava entre nós. Todavia, desta oposição implícita, embora abstratamente aludida, guardaria sempre Delfim Santos a marca e, porventura, a ferida, que se traduziu nele por uma exigência de rigor, por uma recusa liminar de concessões à expressão metafórica, a um mínimo mesmo de tentação imagística que igualmente situam a sua expressão filosófica num horizonte prevalentemente heurístico e crítico, de certo modo mais exigente ainda que o do mesmo neopositivismo recusado.

Ninguém podia, ao nível estilístico, revelador como nenhum outro, supor que Delfim Santos era, ou havia sido, discípulo de Leonardo Coimbra, salvo se se



[www.delfimsantos.org](http://www.delfimsantos.org)

pensar que nessa espécie de ocultação de uma referência mental se encontra como que invertida a relação profunda de mestre-discípulo. Guardado o incentivo profundo do primeiro, o direito e a necessidade da afirmação «metafísica» que Leonardo Coimbra ilustrou em termos flamejantes num meio de seco racionalismo, o segundo ter-se-ia dado por missão traduzi-lo num registo oposto, de contida e quase fria reflexão, nessa neutralidade expressiva de um discurso que se deseja discurso das «coisas» mais que expressão de uma «subjetividade», tal como o exemplo ímpar de Aristóteles e mais tarde, de Kant, o instalaram na tradição filosófica. A sua experiência de escolar em contacto direto com a Filosofia Alemã dos anos 30, especialmente a neokantiana, só podia confirmá-lo nesse caminho. Por isso não se encontrara na sua filosofia de «professor de filosofia» no sentido europeu do termo, nenhuma vocação encantatória, nenhuma pretensão profética, apenas o amor da discriminação, da análise, de uma perpétua questão prévia que ao serviço de outra intenção filosófica se aproximava afinal do questionar «destrutivo» de Vieira de Almeida. Felizmente, contudo, Delfim Santos pôde receber de zonas de conhecimento menos áridas que a epistemologia e a lógica uma inspiração mais vivificante, como de resto o mesmo Vieira de Almeida a soube receber a partir da arte e da política. A questão é de saber se as duas fontes principais do seu pensamento, a neokantiana que lhe incutiu o gosto pela exploração categorial e a fenomenologia que lhe indicava outras vias de acesso para essa busca do que sempre «antecede», se chegaram a conciliar no seu espírito. Só um estudo paciente do seu itinerário nos fornecerá uma resposta válida e não será excessivo supor que um dos seus numerosos alunos um dia no-lo ofereça. Aparentemente parece legítimo crer que a inspiração fenomenológica se sobrepôs e cobriu cada vez com maior relevo a herança de Nicolai Hartmann. Em todo o caso, ninguém entre nós conheceu tão cedo, ao que parece, e traduziu nos seus trabalhos, mormente na *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, o influxo vivificante do método fenomenológico, ao menos na forma que tomou na obra de Heidegger. Dizer que foi graças ao Professor Delfim Santos que a Fenomenologia adquiriu expressão visível e foros de cidade nos reduzidos arraiais de Filosofia entre nós, é ponto de história que não estamos aptos a resolver. De resto, a «história» nestas coisas importa pouco. Pessoalmente não tivemos nem a honra nem o prazer de ser seu aluno. Da nossa experiência escolar só podemos testemunhar que nos anos 40 (nos começos mesmo) a Fenomenologia se havia tornado referência comum na Faculdade de Letras de Coimbra. As lições de Lógica e de Moral do Doutor Joaquim de Carvalho perspetivavam-se já nesse horizonte e a Teoria do Conhecimento do Doutor Miranda Barbosa igualmente o não ignorava. Mas é justo dizer-se que nem de um nem de outro seria possível dizer-se, como se pode dizer do Doutor Delfim Santos, que eram «fenomenólogos» e, muito menos, pensadores com quaisquer afinidades com Heidegger. A presença filosófica da Fenomenologia em Coimbra é sobretudo de



[www.delfimsantos.org](http://www.delfimsantos.org)

ordem historicista e metodológica, mas nem por isso o seu influxo será desprezível. Obras como a *Ética* de Scheler ou as *Investigações Lógicas* exerceram influência decisiva sobre alguns espíritos que mais tarde cruzarão o seu caminho com o de Delfim Santos encontrando nele expressa com rara elegância de escrita e seriedade mental uma visão que lhes havia sido comunicada de autónoma e convergente maneira.

Do que pelos mesmos anos sucedia em Lisboa não saberíamos falar. Por um desses incompreensíveis caprichos culturais (que se calhar nem são incompreensíveis nem caprichosos) aquele que por qualificação e competência aí podia então falar com autorizada voz das novas correntes filosóficas, era obrigado a acantonar-se nas «pedagógicas». É verdade que, como o deserdado Saul, ele fará desse domínio, considerado absurdamente menor, um reino. Será sobretudo através da sua reflexão pedagógica que filtrará a profunda reflexão filosófica de ordem metafísica que era o seu domínio e a sua vocação. A sua obra não é nem variada nem extensa, é uma obra de *qualidade*, seriamente meditada, severa até ao escrúpulo, penetrada até à reticência da responsabilidade de um discurso que não se considerava quite consigo mesmo senão depois de pagar o mais alto preço de meditação e reserva. As seduções do imaginário e muito menos o suspeito fervor das apologias, mormente a de um pensar racionalista que servirá a outros de panaceia universal, não eram o seu forte.

Não é ofender ninguém asseverar que Delfim Santos conhecia como raros a exigência sem fronteiras de uma reflexão substancial e última sobre «o que está e sempre estará em disputa», como escreveu por todos nós, Aristóteles. Acaso esta exigência o terá paralisado em excesso privando-nos de uma obra mais extensa e mais fecunda ainda do que a que ele nos lega. É neste sentido — e apenas neste — que a sua tão inesperada morte nos pôde deixar uma vez mais o sentimento de um destino senão «truncado», o que ele não foi de modo algum, ao menos aquém do muito que ainda era lícito esperar do seu excecional conhecimento da história do pensamento filosófico e da exigência crítica do seu espírito.

Mesmo silenciosa e fazendo-nos falta, a sua presença se fará sentir. Muitos sabiam que «ele» estava lá, como uma sentinela, impedindo pela sua recusa e a sua exigência as exibições lamentáveis do atrevimento gratuito que nenhum temor suspende. Sem ele é possível que um certo número se julgue, enfim, na posse daquela «carta-branca» que até agora só usufruíam como regalia profissional. Cumpre àqueles que admiravam em Delfim Santos a imagem de uma fidelidade ao supérfluo e duro ofício do «pensar», contribuir, na medida do possível, para dissipar a ilusão dos saltimbancos, de que a vida filosófica em Portugal se tenha tornado a repousada e repousante herança dos que nada tinham de comum com o



[www.delfimsantos.org](http://www.delfimsantos.org)

autor de *Conhecimento e Realidade*. Esta será a única mas também a mais alta homenagem que se poderá prestar à memória viva do Professor Delfim Santos.

Nice, novembro de 1966.

Eduardo Lourenço